

A formação de nomes deverbais em *-da* em Português Europeu: contribuição para uma abordagem sintática¹

Ana Maria Brito

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto²

Abstract

In this text I propose a syntactic analysis of denominal event nouns in *-da* in European Portuguese, according to which *-da* has two components: *-d* as the form related to the past participle and *-a*, as the form that is related to event. The verbs that have “incremental themes” (Fábregas 2010), or, using the terminology of Ramchand (2008) “rheme path objects” are the most favorable for this derivational process. The event structure of the verbs is not relevant because these nouns may be formed from accomplishment, process and achievement verbs and even from a stative verb *estar*. A syntactic analysis of this formation is proposed, under the framework of Distributed Morphology, specifically starting from Alexiadou (2001); aspect features in Asp, a verbal functional category, determined by the root, and in n, a nominal functional category, explain the most relevant values of *-da*.

Palavras-chave: nomes deverbais, sufixo *-da*, particípio, Morfologia Distribuída.

Key-words: deverbal nominals, suffix *-da*, participle, Distributed Morphology.

O. Objetivo

O objetivo do texto é propor uma abordagem sintática da formação de nomes deverbais em *-da* em Português Europeu na perspetiva da Morfologia Distribuída; a hipótese central a explorar é a de que o sufixo *-da* está ligado ao particípio dos verbos, sendo por isso analisável em duas componentes: *-d*, forma do particípio propriamente dito e expressão da categoria verbal Asp, e *-a*, um morfema nominal em que o feminino está estreitamente ligado ao traço de evento. A escolha da Morfologia Distribuída justifica-se pelo facto de este quadro teórico permitir analisar, de forma elegante, o percurso que vai do particípio ao nome deverbal. Secundariamente, comparar-se-á os comportamentos de *-da* com os de *-do* e *-ada*.

O texto está organizado do seguinte modo: no ponto 1. faz-se uma apresentação sumária da questão morfológica, com base na existência de *-da* e *-ada* em português e em espanhol; no ponto 2. estuda-se a estrutura argumental dos verbos que podem dar origem a

¹ Agradeço à audiência do XXVIII Encontro Nacional da APL, que teve lugar em Faro, 25-27 de Outubro de 2012, a Alexandra Rodrigues e a um revisor anónimo os comentários e as sugestões. Os erros são da minha responsabilidade.

² Enquanto membro do CLUP, esta investigação foi apoiada por FEDER / POCTI U0022/2003.

nomes em *-da*; em 3. analisa-se a estrutura de evento dos verbos que podem servir de base a nomes em *-da*; no ponto 4. discute-se a relação entre os nomes em *-da* e o particípio; no ponto 5. esboça-se um tratamento deste tipo de formação e em 6. tecem-se algumas conclusões.

1. A questão morfológica

Em português (assim como em espanhol), é possível formar nomes em *-da*, como em *a chegada* (1), em *-do*, como em *o bronzeado* (2), e em *-ada*, como em *a cabeçada* (3).

(1) *a chegada*

(2) *o bronzeado*

(3) *a cabeçada*

Na história dos estudos morfológicos as soluções propostas para dar conta da relação entre estas formas têm sido fundamentalmente três: (i) o sufixo é *-ada*, sem qualquer ligação ao particípio verbal; (ii) o sufixo *-do /-da* está relacionado com o particípio e a vogal inicial *-a* ou *-i* é a vogal temática; (iii) há um sufixo zero.³

Cunha & Cintra (1984: 96) referem-se apenas a *-ada* como sufixo denominial, esquecendo a formação de nominais deverbiais em *-da*.

Vilela (1994) analisa também os valores semânticos dos nomes denominais em *-ada*; mais recentemente, no quadro da Morfologia Distribuída, Sher (2006) estuda-os no Português Brasileiro (PB), incluídos em construções com o verbo leve *dar*.⁴

Para estes autores a solução (i) acima referida é a adotada e nem sequer é discutida a relação entre as formas em *-da* e o particípio passado dos verbos.

Said Ali (1964: 238) é a exceção, pois afirma explicitamente que muitas línguas românicas fizeram uma “adaptação semântica do particípio do pretérito de certos verbos”, dando origem a algumas formas “irregulares” (*defesa, presa*) e “regulares”: *finado, legado, achado, cercado, entrada, tornado, chegada, tomada, picada, bordado, passado, caçada, saída, subida, partida, partido, vestido, sentido, corrida, bebida, arremetida, investida*,

³ Cf. Lacuesta & Gisbert (1999: 4540).

⁴ Sher (2006) analisa três tipos de formação em *-ada*: (i) nomes que podem coocorrer com uma raiz diferente da que deu a nominalização: (a) *O João deu uma martelada no prego* (= *O João martelou o prego*), em que há uma interpretação de “diminutivização”, no sentido em que (a) significa que deu uma martelada uma só vez; (ii) uma formação em *-ada* através de um V, uma palavra, e por isso a projeção nominal negocia o significado da raiz em contexto nominal; aqui a nominalização não aceita coocorrer com nomes derivados de outras raízes: (b) * *O João deu uma parafusada no pé da mesa com um prego*; (iii) um terceiro tipo em que não há qualquer leitura de diminutivização da eventualidade denotada e qualquer combinação com outras raízes é impossível: (c) * *O João deu uma cabeçada na parede com a testa*. Neste terceiro caso, não há nó Asp e o núcleo (verbal) é nulo, tomando como complemento uma categoria nominal. Repare-se que qualquer destes três tipos não está diretamente relacionado com o particípio dos verbos correspondentes (quando eles existem), e isto por duas razões: o morfema que comportam é *-ada*, um sufixo essencialmente destinado a formação pós-nominal, e não *-da* ou *-do*; os verbos a que alguns destes nomes dão origem são mais complexos do ponto de vista da formação, envolvendo por exemplo prefixos (por exemplo *faca* > *esfaquear*; *punhal* > *apunhalar*). Veja-se ainda que os nomes em *-ada*, quer os que são denominais quer os que “passam” por uma fase intermédia verbal, são nomes de evento simples, como lhes chamaria Grimshaw (1990), são nomes contáveis e pluralizáveis.

acrescentando que “se tem perdido a noção da identidade morfológica de tais nomes com os participípios, prevalecendo por fim o sentimento de serem derivados imediatos de verbos no infinitivo.” Por essa razão, escreve: “(...) *-ado, -ada, -ido, -ato e -ata*, em vocábulos com a formação de substantivo, passaram a ser considerados elementos formativos, como sufixos.” (p. 238-9)⁵

Reconhecendo que esta conceção se deveu sobretudo à forma feminina *-ada*, que permite formar nomes com diferentes valores semânticos⁶, Said Ali acaba por não esclarecer se a distinção entre *-a* e *-i* se deve à vogal temática dos verbos ou se as formas *-ado, -ada, -ito, -ida* são afinal sufixos distintos.

Ora, como afirma Beniers (1998) para o espanhol, uma vez que nos derivados pós-verbais alternam as formas *-ada* e *-ida* de acordo com a diferente vogal temática, então na derivação pós-verbal o sufixo é apenas *-da*, enquanto na derivação pós-nominal a forma é *-ada* (e suas variantes *-ato, -ata*).

Do mesmo modo, Rodrigues (1013: 171-172) mostra que o sufixo que permite derivar nomes deverbais é *-da* e que as formas *-ada* e *-ida*, que surgem também na formação desses nomes, se devem à vogal temática, afirmando explicitamente que “quando a base é um verbo de tema em *-e* ou em *-i* preserva-se o tema do participípio verbal (*ouvida, mexida, saída*).” (Rodrigues, 2013: 171-172)⁷. Rio-Torto (2013) analisa o sufixo *-ad(a, o)*, que considera ser essencialmente um morfema que permite formar nomes denominais, com um sentido coletivo (*criançada / operariado*) ou com um sentido de evento / espetáculo (*tourada / guitarrada*) (Rio-Torto 2013: 135-136).

O fenómeno foi também muito estudado na gramática do espanhol.⁸ Em artigo de (1977), Beniers analisa os sufixos *-(a)do* e *-(i)do* no quadro mais geral da sua proposta segundo a qual todas as nominalizações deverbais em Espanhol teriam em comum o terem o participípio como base, o que é uma posição atualmente insustentável. Nessa medida a autora considera que na formação em *-da* o sufixo é zero, analisando *llegada* como *llegado+* sufixo 0 feminino.

⁵ O sufixo *-da* é bastante produtivo e pode aparecer em verbos de todas as conjugações: em *-ar* (*chegada* de *chegar*, *llegada* de *llegar*) em *-er* (*caída* de *caer*, espanhol) e em *-ir* (*partida* de *partir*) (cf. Bordelois 1993 para o espanhol).

⁶ Analisando os significados deste sufixo, Said Ali (pp. 239-40) indica os seguintes: 1) golpe ou ferimento (*punhalada, dentada, cabeçada*); 2) medida ou quantidade (*garfada, braçada*); 3) significado coletivo (*meninada, papelada*); 4) alimento cozinhado (*limonada, marmelada*). Acrescenta que todos os nomes em 1) exprimem um “ato praticado com rapidez”, o que também pode ser encontrado em nomes como *lufada, nortada, risada, gargalhada, cartada, jogada*; a noção de duração deu origem à formação do grupo *jornada, noitada, temporada*; nomes em *-ado* definem título honorífico (*principado, consulado*); refere também que muitos nomes em *-ata, -ato* vêm diretamente do latim ou do italiano (*sonata, sindicato*).

⁷ Rodrigues mostra que há alguns casos em que o sufixo é mesmo *-ido*, como em *estalido, grasnido*, uma vez que os verbos têm a vogal temática *-a* (*estala, grasma*) (Rodrigues no prelo, p. 127.)

⁸ Para uma síntese da questão morfológica em espanhol sobre *-da* e *-ada* veja-se Lacuesta & Gisbert (1999: especialmente pp. 4518-4520 e pp. 4540-4546).

No artigo de 1998, a mesma autora analisa os sufixos pós-verbais em *-da* e os pós-nominais em *-ada* no Espanhol de México, evidenciando que se trata de processos derivacionais distintos.

Neste texto vamos adotar esta posição e considerar que *-da* é um sufixo que forma nomes deverbiais (embora divisível em duas partes) e *-ada* um sufixo que tanto pode formar nomes a partir de outros nomes (*cabeça-cabeçada*) como nomes a partir de nomes através de um verbo / raiz verbal (*martelo-martelar-martelada*).

Mas importa perceber que tipo de bases verbais pode dar origem a nomes em *-da*.

2. Estrutura argumental dos verbos que podem servir de base a nominais em *-da*

Tentando compreender que tipo de bases verbais pode dar origem a nomes em *-da*, Bordelois (1993) formulou uma hipótese muito restritiva segundo a qual só verbos inacusativos produzem nomes em *-da*; um argumento a favor desta ideia seria o facto de que um *by phrase* está sempre proibido com este tipo de nominalização:

(4)*la llegada por Pedro

(5)la llegada de Pedro

Bordelois reconhece que alguns verbos transitivos permitem nominalizações em *-da*, mas não permitem a expressão de agente, como evidenciado em (6)-(9), assumindo então que *-da* está relacionado com ergatividade e que é incompatível com agentividade:⁹

(6)* la mirada a las nubes por Pedro

(7)* la bebida de la leche por Juan

(8)* la comida del pescado por Juan

(9)* la vista de la ciudad por Juan

Esta proposta contrasta com a de Beniers (1998), que considera que a formação pós-verbal *-da* significa uma instância da ação de X e que tais nomes podem ser derivados de verbos transitivos, pronominais e intransitivos.¹⁰

Esta ideia é confirmada por estudos posteriores em português e em espanhol.

⁹ Bordelois apresenta ainda nominais em *-da* que diz serem derivados de verbos meteorológicos: *la helada*, *la nevada*, *la granizada*. Contudo, apesar de haver uma raiz comum, penso que há aqui uma confusão com nomes denominais; de facto, parece-me que estes nomes são derivados de nomes, mesmo que passem por uma “fase” verbal (*helo-helar-helada*). Recorde-se que, se fosse a partir de verbos, como estes verbos não têm argumento interno, a tese da ergatividade defendida pela autora seria mais uma vez contrariada.

¹⁰ A ação expressa pelos nomes em *-(a)da* significa, para Beniers (1998), tanto ‘facto único de X’, como em *amanecida*, *caída*, *crecida*, *engordada*, *punzada*, *sacudida*, *trastornada*; como “instâncias sucessivas ou de maneira contínua”: *Y adeja la macheteada / de macheteada*. Na formação pós-substantiva (pp. 79 e segs.), também se pode encontrar um valor de evento: *perrada*, *guitarreada*, *lunada*, *mascarada*, *novillada*; um conceito temporal: *alborada*, *tardeada*; um instrumento: *pincelada*; um golpe: *palmada*, *patada*, *cuchillada*, *cornada*, *pinhalada*; isto é, *-ada* pós-substantivo emprega-se sobretudo na formação de nomes de atos ou eventos caracterizados pela palavra base; por vezes, têm um sentido negativo.

A análise conduzida por Vieira (2010) para o Português Europeu (PE) permitiu mostrar que é possível formar nominais em *-da* a partir de vários tipos de verbos do ponto de vista da natureza transitiva, intransitiva e inacusativa:¹¹

(10) a) verbos transitivos que normalmente selecionam DP como seu argumento interno: *comida; bebida; olhada; ferida; calçada; velada; chamada; queimada; medida; tomada; retirada;*

b) verbos transitivos que selecionam argumentos oblíquos: *morada*¹²; *investida; pousada;*

c) verbos inergativos: *corrida; caminhada; dormida;*

d) verbos inacusativos de movimento inerente: *vinda; chegada; ida; saída; descida; entrada;*

e) um verbo predicativo e estativo, *estar: estada* (embora *estadia* seja mais frequente).

Os exemplos (11)-(15) ilustram nomes derivados de V transitivo (*tomar - tomada*) (11), de um V intransitivo que pode ser usado transitivamente (*correr - corrida*) ((12) e (13)), de um V inergativo (*caminhar - caminhada*) (14) e de um V estativo (*estar - estada*) (15) (exemplos de Vieira, 2010):

(11) A tomada das favelas por traficantes durou anos.

(12) A corrida da maratona pelos atletas portugueses ocorreu no último fim de semana.

(13) A corrida dos atletas portugueses ocorreu no último fim de semana.

(14) A caminhada dos idosos ao parque durante a manhã foi bastante agradável.

(15) A estada do Presidente da República em França alegrou a comunidade portuguesa.

No caso de nomes em *-da* derivados de Vs transitivos agentivos (*tomar* ou *correr* como transitivo), se o argumento interno se realizar em *de*, o externo realiza-se em *por*, como em (11) e (12); se o interno não se realizar, então o externo realiza-se em *de* (13). Desenvolvendo Brito (2008), Vieira mostra ainda que um adjetivo relacional com valor agentivo pode acompanhar esta classe de nomes, como em (16):

(16) A investida nazi contra a Europa aconteceu durante a primeira parte do século XX.

¹¹ Estamos aqui a falar de subclasses típicas de verbos; sabemos que há muitos casos de alternância, nomeadamente transitiva / intransitiva.

¹² Duarte (2003) analisa *morar* como verbo inacusativo, opinião de que discordo, dado que este verbo não passa pelo teste de Participípio Absoluto nem por nenhum dos testes típicos de inacusatividade.

Igualmente Rodrigues (no prelo) propõe que bases transitivas (*debulhar-debulhada*), inergativas (*chiar-chiada*) e inacusativas (*cair-caída*) permitem formar nomes em *-da*, “codificando a identificação de uma ocorrência eventiva destacada do todo referencial.” (p. 129)

Todos estes dados mostram que a nominalização deverbal em *-da* não está apenas restrita a verbos inacusativos, muito frequentemente télicos, ao contrário do preconizado por Bordelois.

Mas nem todos os verbos podem juntar-se ao morfema *-da* para formar nominais de evento.

Na perspetiva de Fábregas (2010) para o espanhol, a escolha de diferentes sufixos de evento como *-miento*, *-ción*, *-do/da* tem uma explicação sintática e semântica, relacionada com a estrutura argumental dos verbos, mais do que com a telicidade / não telicidade da base verbal, embora a presença do afixo possa ter influência nas propriedades aspetuais da construção. Assim, por exemplo, em Espanhol, *recoger* é um verbo télico, mas tem duas nominalizações, *recogimiento* e *recogida*, sem alteração nas propriedades aspetuais, embora com mudanças noutros comportamentos.

Fábregas mostra que os verbos de mudança de estado como *pelar*, *broncear*, *bordar*, que têm temas incrementais (no modelo de Ramchand 2008 “objetos trajetórias remáticas”), têm nominalizações em *-do* e não em *-miento*: *pelado* / **pelamiento*; *bronceado* / **bronceamento*, *bordado* / **bordamiento*.¹³

Pelo contrário, verbos de mudança de estado que não selecionam uma trajetória remática e que requerem como objeto um “undergoer”, como *ocultar*, *procesar*, *recibir*, *someter*, *silenciar*, etc., têm nominalizações em *-miento* e não em *-do/-da*: *ocultamiento* / **ocultado*; *procesamiento* / **procesado*; *recebimento* / **recebido*; *sometimiento* / **sometido*; *silenciamiento* / **silenciado*.

Esta hipótese tem predições interessantes: os Vs psicológicos que têm argumentos “undergoer” só têm nominalizações em *-miento* (*sentimiento*, *reconocimiento*, etc). Os verbos de movimento de direção induzido que denotam o movimento que foi causado a um objeto comportam-se do mesmo modo: *desplazamiento*, *movimiento*, *deslizamiento*. Pelo contrário, os Vs de movimento que descrevem direção inerente e que introduzem uma

¹³ Para Ramchand (2008: 34, 35) um objeto remático não é sujeito de nenhum subevento, mas é parte da descrição do predicado; é o que acontece normalmente com verbos estativos. No caso de um verbo de movimento como *to walk* (*We walked the West Highland*; *Chris ran the Boston marathon*; *We danced the meringue*; *Karena jogged two miles*), os objetos ou medem a trajetória ou descrevem a própria trajetória. É a isto que a autora chama trajetórias ou trajetórias remáticas, por não poderem ser nem “undergoer” nem “resultee”.

trajetória, como *llegar, ir, vir, caer* têm nominalizações em *-do / -da: llegada, ida, venida, caída*.¹⁴

O autor conclui então (p. 83) que *-do / -da* é sensível à estrutura argumental do verbo: o verbo base deve selecionar objetos incrementais ou deve selecionar um objeto trajetória remática e não cancela nenhuma parte da estrutura argumental.

Vamos ver se em Português estas propostas vão no sentido certo. Tomemos o caso de um verbo como *tomar*:¹⁵

(17) tomar a favela / a tomada da favela

Este verbo pode ser considerado de mudança de estado, em que “a mudança é medida em relação a um argumento interno” (Fábregas 2010: 71, minha tradução). Como mostra o exemplo (18), advérbios / adjetivos quantificacionais podem combinar-se com este tipo de verbo ou com a nominalização correspondente:

(18) tomar a favela parcialmente / a parcial tomada da favela

Nos verbos que se associam a *-da* há também verbos inergativos como *dormir, caminhar*; na realidade, estes verbos podem selecionar objetos cognatos (nominais ou preposicionais), como em (19):¹⁶

(19) a) dormir um bom sono

b) caminhar por um caminho longo / uma caminhada por um longo caminho

Trata-se de verbos tipicamente considerados intransitivos; no entanto, eles podem selecionar um objeto (incremental), explícito ou implícito.

Outros verbos definem explicitamente uma trajetória remática¹⁷, para usar a terminologia de Ramchand (2008), como é o caso dos verbos de movimento inerente, dando origem a nomes em *-da* (20):

(20) a) chegar à cidade / a chegada à cidade

b) entrar no barco / a entrada no barco

c) partir para Paris / a partida para Paris

¹⁴ Ao contrário de *-do* e *-da, -cion* parece não ser sensível à estrutura argumental do V; de facto, em espanhol (e em português a situação é parecida) *-cion* pode associar-se a Vs que selecionam um “undergoer” e não altera o aspeto do V: *elegir / eleccion*; pode juntar-se a um V que tem uma trajetória remática como objeto (tema incremental): *construir / construcción*; pode ser um processo ou um processo culminado; não exige uma VT em especial (*manutención, recepción*). Por vezes, as nominalizações em *-ción* nem sequer exprimem eventos ou nomes de resultado, mas entidades concretas: *coloración, posición, dirección, tradición* (cf. Fábregas 2010: 77-79).

¹⁵ Outros verbos, como *escrever, conquistar* têm propriedades semânticas semelhantes; no entanto, na sincronia atual os nomes deverbiais *escrita* e *conquista* não podem considerar-se construídos da mesma maneira. Agradeço a Alexandra Rodrigues esta observação.

¹⁶ Do ponto de vista semântico estes verbos são aquilo que Leal e Oliveira (2008) designaram verbos de “processo culminável”. De facto, são fatores contextuais que acabam por definir o tipo aspetual do verbo. Vejam-se os exemplos dos autores: (i) O João caminhou para a escola durante meia hora; (ii) O João caminhou para a escola em meia hora. Quer dizer, certos verbos parecem indeterminados quanto ao traço télico e são os fatores contextuais que definem o seu valor aspetual.

¹⁷ Para Ramchand (2008: 46), o material remático nunca ocorre na posição de especificador de um núcleo eventivo; os remas e as trajetórias nunca descrevem elementos que são referencialmente individualizados e predicados, mas constroem uma propriedade específica predicacional estática ou dinâmica dos “sujeitos”. Em termos do quadro teórico de Talmy (1972), os especificadores são “figuras”, os complementos são “bases” (“ground”).

Sendo assim, a proposta de Fábregas quanto à natureza dos verbos que podem juntar-se ao morfema *-da* para formar nomes de evento parece confirmar-se.

No entanto, olhando para a lista em (10), há um verbo que permite uma nominalização em *-da* e que é diferente dos anteriores. É o verbo *estar*, um V predicativo, estativo, que forma *estada* ou *estadia* e em que o V base seleciona uma oração pequena. Retomo em (21)-(22) alguns exemplos de Vieira (2010):

(21) Durante a sua estada no Brasil, o presidente conheceu alguns atores famosos.

(22) A estada do Presidente da República em França alegrou a comunidade portuguesa.

Estar é um verbo predicativo, podendo ser considerado um verbo inacusativo, como sabemos. Mas *ser* também o é e não dá origem a nominalização. O que haverá de comum entre *estar* e *chegar*, *entrar*, mas também *tomar*, *investir*? E o que é que o diferencia de *ser*? Brucart (2010, 2012), numa interessante análise sintática e semântica sobre a distinção *ser / estar* em português, espanhol e catalão em construções de localização, propõe que o V *estar* induz uma interpretação de trajetória abstrata e funciona como verbo estativo que contém um traço interpretável de coincidência terminal (e por isso se junta frequentemente com a preposição *em*), enquanto o V *ser* é o copulativo por defeito, que aparece sempre que o termo relacionante atributivo não necessita de validar um traço não interpretável (Brucart 2010: 132-146).

Quer dizer, o que une *chegar*, *entrar* e *estar* é a noção de trajetória, que, com verbos de movimento inerente, é uma noção concreta, enquanto com *estar* é abstrata; quanto aos verbos *tomar*, *investir*, *escrever*, mas também *caminhar*, são verbos que selecionam (ou podem selecionar) objetos incrementais, cognatos ou não cognatos.

Em síntese, a proposta de Fábregas, que faz uso da noção de verbos de mudança de estado, em que “a mudança é medida em relação a um argumento interno”, combinada com a proposta de Ramchand de “trajetória remática” parece dar conta dos tipos de verbos que permitem nominalizações em *-da* em espanhol e em português.

3. Estrutura de evento dos verbos na base de nomes em *-da* e combinação com verbos leves

No ponto anterior percebemos que a estrutura argumental de certos verbos (transitivos, inergativos e inacusativos) é determinante para perceber os que se podem

juntar ao sufixo *-da* para formar nomes eventivos. Vamos ver agora se a estrutura de evento ou a natureza aspetual lexical também tem influência nesta formação.

Se observarmos nomes eventivos em *-da*, vemos que eles podem ser derivados de verbos de processo culminado (*tomar*) (23), verbos de processo (*correr*, *caminhar*) (24), verbos de culminação (*entrar*) (25) e mesmo um V de estado (*estar*) (26) (Brito 2008, Vieira 2010):

(23) A tomada da favela pela polícia numa só semana foi surpreendente. (processo culminado)

(24) A caminhada de / durante trinta minutos fez-me bem. (processo)

(25) A entrada do exército às 10h foi uma decisão do presidente. (culminação)

(26) A estada do Presidente no Brasil em 2011 correu bem. (estado).

Quer dizer, a estrutura de evento associada aos verbos não é um fator determinante na construção de nominalizações deverbais em *-da* e o valor fundamental de *-da* é o de exprimir sob a forma nominal uma situação, geralmente eventiva, mas também um estado.

Espera-se destes nomes deverbais que não combinem facilmente com artigo indefinido nem demonstrativo, como é visível em (27):

(27)(a) * ? Uma / esta tomada da favela pela polícia demorou uma semana.

(b) * ? Uma / esta chegada dos exércitos foi surpreendente.

Por sua vez também não pluralizam facilmente (28a, c), como proposto por Grimshaw (1990):

(28)(a) * ? As chegadas dos exércitos foram surpreendentes.

(b) A chegada dos exércitos foi surpreendente.

(c)*? As tomadas das favelas pela polícia demoraram uma semana.

(d) A tomada da favela pela polícia demorou uma semana.

Van Hout (1991), Brito & Oliveira (1997), Picallo (1999), Sleeman & Brito (2010), entre outros, mostraram que, em certas circunstâncias, mesmo um N de evento pode ser pluralizado e pode ser acompanhado por indefinido e demonstrativo e que o tratamento clássico de Grimshaw (1990) tem limites. Independentemente desse facto, neste momento o importante é notar que tanto a seleção de determinante como a pluralidade afetam por

igual nomes derivados de bases télicas e não télicas, como é visível pelos exemplos (27) e (28).¹⁸

Um aspeto importante dos nomes deverbais é o facto de se poderem combinar com os verbos leves *fazer*, *dar* e *ter* e, nesse caso, aceitam bem o indefinido, como é visível nos exemplos (29), (30) e (31):

(29) O João fez uma caminhada.

(30) O João deu uma corrida.

(31) O João teve uma chegada atribulada.

Gonçalves *et al.* (2010) analisaram extensivamente este fenómeno e muitos dos exemplos aqui apresentados são deste trabalho; os autores propõem que a formação de predicados complexos com verbos leves e os nominais deverbais está restringida por possibilidades combinatórias.

(i) O verbo *fazer* “preserva as propriedades aspetuais dos nomes”, como em (32), ou “altera essas características, acrescentando uma culminação aos processos”, como em (33) (*loc. cit.*: 457):¹⁹

(32) O João fez uma caminhada durante uma hora (processo)

(33) O Pedro fez uma caminhada em meia hora (processo culminado).

Caminhada é um processo e o valor de culminação é dado contextualmente em (33) pelo adverbial *em meia hora*, pela combinação com *fazer* e pelo pretérito perfeito simples.

(ii) com o verbo *dar*, a combinação é altamente restringida e por isso este verbo “apenas se combina com alguns processos” (34), “com alguns processos culminados” (35) ou “com pontos” (36) (*loc. cit.*: p. 458),

(34) O João deu uma caminhada / uma corrida.

(35) O João deu uma leitura ao artigo.

(36) O João deu um espirro.

¹⁸ Para dar conta dos nomes deverbais e das suas interpretações eventivas e resultativas, Resnik (2010), por sua vez inspirada em Saab (2004) e Kornfeld (2009), propõe, no quadro da Morfologia Distribuída, que há dois lugares na estrutura para a expressão do traço [+/-delimitado], traço proposto por Jackendoff (1991), para explicar a natureza dos nomes deverbais. Esses lugares são Asp e n, havendo por isso quatro possibilidades combinatórias: (a) Asp [+del] n [+del]; (b) Asp [-del] n [+del]; (c) Asp [+del] n [-del]; (d) Asp [-del] n [-del]. Segundo Resnik, só as duas últimas correspondem a nominalizações eventivas, porque embora possam derivar de raízes télicas ou não télicas, são equivalentes a nomes massivos, não contáveis, e, por isso, dificilmente pluralizáveis e dificilmente combináveis com indefinido e demonstrativo. Quanto às nominalizações de resultado, de carácter não eventivo, a autora sugere que, à semelhança dos nomes não deverbais, sejam [-e(vento)], com um valor sempre positivo para [del], dado o carácter de nomes contáveis (Resnik 2010 pp. 413-14). Como vimos acima, os nomes deverbais em *-da* não alteram substancialmente a natureza aspetual das bases de que derivam e, portanto, afastamo-nos parcialmente da proposta desta autora. Além do mais, os valores das nominalizações deverbais não se esgotam nos valores evento e resultado (ver Van Hout 1991, Brito & Oliveira 1997, Picallo 1999, Sleeman & Brito 2010, entre outros). Por outro lado, como vamos ver a seguir, quando combinados com verbos leves, os nomes deverbais surgem com indefinido ou demonstrativo e são pluralizáveis, o que mostra que o valor do traço delimitado é muito provavelmente não especificado, sendo o contexto que atribui um valor positivo ou negativo a esse traço.

¹⁹ Recorde-se que Leal & Oliveira (2008) analisam verbos como *caminhar* como de “processo culminável”, portanto, *caminhada* tem também, por defeito, as mesmas propriedades aspetuais.

explicando a agramaticalidade com vários processos culminados (37) e com estados (38):

(37) * dar uma construção; *dar um resumo

(38) *dar um gosto / *dar uma vida

Nem um nem outro verbo, por terem um traço [+dinâmico], se podem combinar com estados (*loc. cit.*: p. 461) (39) e (40):

(39) * fazer uma estada no Brasil

(40) * dar uma estada no Brasil

(iii) o V *ter* é o mais flexível dos Vs leves na relação com nomes deverbais e por isso vamos encontrá-lo com vários nomes em –*da*, nomeadamente nomes derivados de verbos de culminação (*loc. cit.*: pp. 456, 460):

(41) O helicóptero teve uma queda estrondosa (às dez da manhã).

(42) O atleta teve uma chegada triunfal.

Os autores notam que a presença do adjetivo é determinante, pois os adjetivos podem qualificar o desenvolvimento do processo (43) ou o estado resultante, como em (41) e (42):

(43) Este artigo teve uma leitura difícil. (processo)

Vemos assim que os nomes deverbais em –*da* podem combinar-se com verbos leves e essa combinação opera com *fazer* e com *dar* com nomes de processo (*fazer uma caminhada*, *dar uma corrida*), e com o verbo *ter* com nomes de culminação (*ter uma chegada triunfal*), neste caso desde que haja um modificador adjetival.

Por que razão então não são gramaticais no PE combinações de *fazer* e *dar* com nomes de processo como *lida*, embora possíveis no PB?

(44) dar uma lida (* PE; ok PB)

Rodrigues (2013) mostra que o sufixo –*da* em PE não tem o traço [rapidez], ao contrário do que acontece em PB. Para a autora, o sufixo –*da* tem a especificidade de “individualização do evento, que está na origem de semantismos como ‘porção’, também presente em –*dur(a)*.” E acrescenta: “Ainda que alguns nomes denotem ‘evento rápido e negligentemente efetuado’, como é o caso de *olhada*, este não é um traço inerente a –*da* no PE, como o atestam os exemplos de *lavrada*, *malhada*.” (2013: 173)²⁰.

²⁰ Em Rodrigues (2013) são sintetizados em quadro os traços semânticos que caracterizam este sufixo.

Em PE o traço [rapidez] parece estar mais associado ao sufixo *-dela* e por isso vamos encontrá-lo em combinações com o verbo leve *dar* (*dar uma olhadela, dar uma trincadela, dar uma piscadela*) (cf. também Rodrigues no prelo, p. 130).²¹

Em síntese, a formação de nomes deverbais em *-da* não está condicionada pela estrutura de evento dos verbos base, uma vez que diferentes tipos de verbos permitem esse processo de nominalização; tais nomes podem combinar-se com verbos leves sob certas condições.

4. Os nomes deverbais em *-da* e o particípio passado

Como vimos em 1. a aproximação entre os nomes deverbais em *-da* ao particípio passado foi proposta, para o português, por Said Ali (1964) e, mais recentemente, por Rodrigues (no prelo); para o espanhol, Bordelois (1993) e Fábregas (2010), entre outros, também a sugerem. Antes de explorarmos esta aproximação há que distinguir claramente participípios e nomes deverbais.

O particípio tanto pode surgir com valor puramente verbal, como nos tempos compostos (45), como pode ter valor adjetival (46) e (47):

(45) O soldado tinha ferido um companheiro sem saber.

(46) O companheiro estava muito ferido.

(47) O companheiro ficou muito ferido.

Por sua vez, muitas destas formas participiais / adjetivais podem ser convertidas em nomes, por elipse nominal:

(48) Os feridos foram transportados para o hospital.

Na realidade, as formas masculinas são muitas vezes ambíguas entre duas interpretações, que podem corresponder a duas estruturas sintáticas e a duas “histórias” derivacionais distintas.

(i) há nomes em *-do* que podem ser resultado de elipse nominal; é o que acontece nos exemplos (49), sendo sempre possível ter um nome realizado, como em (50):

(49) a) O bronzeado fica-te bem.

b) Os queimados foram conduzidos para outro hospital.

c) Os viciados não deixam de fumar.

(50) a) o tom bronzeado

²¹ No seu trabalho sobre verbos leves com nomes em *-dela* Cordeiro (2010: 14) praticamente não analisa os semantismos do sufixo, mas mostra que o sufixo “reduz a duração” de um evento, o que está de acordo com a proposta de Rodrigues acima referida e aqui adotada. Nessa medida, o traço “rapidez” parece ser um traço semântico a ter em conta na análise das nominalizações deverbais e deve ser tomado em consideração na combinação com verbos leves em PE.

- b) o corpo queimado
- c) um homem viciado

Nalguns casos de (48a,b) de elipse nominal no plural temos aquilo a que Kester (1996) chamou a “construção humana”. O que importa é que no caso de elipse nominal não temos uma nominalização deverbal propriamente dita, mas um caso de conversão de um particípio de valor adjetival em nome.

(ii) há nomes em *-do* que não parecem ser resultado de elipse nominal, como é o caso de *o bordado, o tornado, o finado, o legado, o achado, o cercado, o passado, o partido, o vestido, o sentido* e muitos dos exemplos apresentados por Said Ali, que vimos em 1.

É verdade que também neste segundo caso podemos ter, por vezes, duas interpretações e duas estruturas sintáticas distintas, como acontece com *o bordado*, pois tanto pode tratar-se de nome de uma entidade, resultado de uma nominalização, como em (51), como pode tratar-se de uma elipse nominal, como em (52):

(51) Comprei um lindo bordado.

(52) Na loja vi dois tecidos, um liso, outro bordado, trouxe o bordado.

No caso dos exemplos em (ii) estamos mais longe do particípio dos verbos, confirmando-se a intuição de Said Ali segundo a qual muitas línguas românicas “adaptaram semanticamente” o particípio verbal para dar origem a nomes.²²

No caso das formas femininas, elas são, em geral, nomes de evento, aparte certos nomes de entidade, como é o caso de *a tomada* (elétrica) ou *a bebida*. O feminino parece, assim, ser um fator fundamental na passagem do particípio para a formação de nomes de evento.²³

Um argumento adicional a favor da hipótese de que os nomes deverbais em *-da* estão relacionados com o particípio passado é dado por Fábregas (2010): quando os verbos têm duas formas de particípio e uma delas é “irregular” ou quando só têm a forma “irregular”, “curta”, é esta a forma que dá origem à nominalização. Veja-se em português (similar ao espanhol): *a escrita* e não **a escrevida*.

Sumariando: quer em português quer em espanhol é possível formar nomes juntando ao tema verbal as formas *-do* e *-da*, ambas relacionadas com o particípio passado. Mas enquanto as formas masculinas são ambíguas entre um processo de elipse nominal numa construção de base participial / adjetival (e nesse caso temos uma conversão) e um

²² Na estrutura sintática dos exemplos em (ii) não temos nó *Aspetto* e semanticamente não temos nomes de evento; trata-se de nomes de entidade, com o traço [+delimitado], contáveis e pluralizáveis.

²³ É claro que o particípio adjetival também pode ter uma forma feminina, mas não é esse o caso que aqui é relevante.

processo de nominalização deverbal, as formas femininas são tipicamente o resultado de um processo de nominalização deverbal a partir da forma feminina do particípio.²⁴ Tudo isto sugere uma análise diferenciada de *-do* e *-da*.

5. Uma análise da formação de nomes deverbais

Assumindo a “origem” dos nomes deverbais em *-da* no particípio dos verbos respetivos, e tendo em conta os valores semânticos, torna-se necessário encontrar um tratamento que dê conta das propriedades descritas.

Fábregas (2010) fornece uma explicação sobre a formação deste tipo de nomes deverbais que não difere muito da de Alexiadou (2001, 2004) nem da de Resnik (2010), que trabalham no quadro da Morfologia Distribuída. Com efeito, o autor advoga a favor da inserção acima do tema verbal de um traço nominal por aquilo que ele chama “N embedding” (p. 84), estreitamente ligado ao género, aproximando-se assim das propostas de Picallo (1991), Bordelois (1993), Alexiadou (2004), que, embora em moldes distintos, propõem que o traço de género feminino está estreitamente ligado à formação dos nomes deverbais. Deste modo, o autor explica o carácter híbrido da forma derivada, uma nominalização deverbal; para dar conta do valor aspetual da forma obtida (e especificamente da influência do tipo de complemento e de adverbiais temporais) o autor propõe a introdução do nó Asp, a que chama Aspeto Externo, propondo explicitamente que *-d* é o *spell out* da informação aspetual do particípio.²⁵

Vamos inspirar-nos em Fábregas (2010), Alexiadou (2001, 4) e Resnik (2010) e adotar um tratamento sintático da formação dos nomes deverbais em *-da*.

Esta é uma opção polémica, pois, na perspetiva tradicional da gramática, a Sintaxe ocupa-se da frase (simples e complexa) e a Morfologia da palavra, cabendo à Morfologia estudar os processos de formação de palavras, nomeadamente os processos derivacionais. Nos anos 90 do século XX surgiu a Morfologia Distribuída, que defende a formação de palavras na Sintaxe, posição que coloca desafios importantes quanto à forma e arquitetura da gramática. Uma das perspetivas mais interessantes no quadro da Morfologia Distribuída é a desenvolvida por Alexiadou (2001), (2004), Alexiadou *et al.* (2011): de acordo com esta autora, a “história” morfológica das nominalizações deverbais de evento é o resultado

²⁴ Partindo de Embick (2004) e com base em dados do Inglês e do Neerlandês, Sleeman (2011) propõe que, além dos três tipos classicamente considerados na literatura (estativos, resultativos e eventivos pós-nominais) há um quarto tipo, os particípios eventivos pré-nominais. Duarte & Oliveira (2010), para o Português, propõem que há particípios eventivos, resultativos e estativos.

²⁵ Fábregas (2010: 84-86) propõe que a telicidade ou atelicidade descrita em Aspeto atrai o objeto, o argumento interno do tema verbal (ao contrário de Borer (2005), segundo a qual só um Aspeto télico atrai o argumento interno para a sua posição de especificador).

6. Conclusões

Do ponto de vista morfológico, o trabalho permitiu confirmar a análise do português e do espanhol por parte de alguns autores segundo os quais as formas em *-da*, *-do* e *-ada* são distintas: *-ada* permite formar nomes denominais ou nomes a partir de nomes através de um verbo / raiz verbal, mas em qualquer dos casos as palavras não são a forma feminina do particípio; *-do* é o morfema do particípio e forma nominais de duas maneiras: por um processo de elipse nominal e pela própria forma em *-do*, que tende a ser mais expressão de resultado ou de entidade; *-da* tem na sua origem a forma feminina do particípio e enquanto tal é um sufixo que se liga a bases verbais para criar nominalizações essencialmente eventivas.

De forma a perceber que tipos de bases verbais aceitam o sufixo *-da*, discutimos se é a estrutura argumental ou se é a estrutura de evento / a natureza aspetual lexical que determinam essa formação. Aceitámos a ideia de Fábregas (2010) segundo a qual verbos que têm “temas incrementais” (ou, usando a terminologia de Ramchand (2008), “objetos trajetórias remáticas”) tendem a associar-se ao sufixo *-da*. A estrutura de evento não é determinante, uma vez que os nomes deverbais em *-da* são derivados a partir de verbos télicos e não télicos e até de um V como *estar*.

De forma a captar as propriedades apontadas, foi esboçado um tratamento da formação de nomes em *-da* de acordo com a Morfologia Distribuída, defendendo-se que *-da* tem duas componentes: *-d*, forma do particípio e expressão da categoria verbal Asp de acordo com os traços semânticos ligados à raiz, e *-a*, um morfema nominal, em que o feminino está estreitamente ligado ao traço de evento.

Referências

- Alexiadou, A. (2001) *Functional Structure in Nominals. Nominalization and ergativity*. Amsterdam: John Benjamins.
- Alexiadou, A. (2004) Inflection Class, Gender and DP Structure. In Müller, G. *et al.* (eds.), *Explorations in Nominal Inflection*, Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 21-49.
- Alexiadou, Artemis, Iordăchioaia, Gianina & Schäfer, Florian (2011). Scaling the Variation in Romance and Germanic Nominalizations. In Sleeman, Petra & Harry Perridon (eds.) *The Noun Phrase in Romance and Germanic: structure, variation and change*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 25-40.

- Beniers, E. (1977) La derivation de sustantivos a partir de participios. In *Nueva Revista de Filologia Hispanica*, vol. XXVI, pp. 316-331.
- Beniers, E. (1998) El sufijo *-ada* en formaciones postverbales y postnominales en el español de México. In *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 75-80.
- Bordelois, Ivonne (1993) Afijación y estructura temática: *-da* en español. In Varela Ortega, Soledad (org.) (1993), *La formación de palabras*. Madrid, Taurus Universitaria, pp. 162-179.
- Borer, H. (2005) *The normal course of events*, Vol. 2 from *Structuring Sense*, Oxford: Oxford University Press.
- Brito, A. M. (2008) Thematic adjectives with process unaccusative nominals and grammar variation. In *Cuadernos de Lingüística XV 2008*, Instituto Universitario de Investigación Ortega y Gasset, pp. 13-32.
- Brucart J. M. (2010) La alternancia *ser/estar* y las construcciones atributivas de localización. In *Actas del V Encuentro de Gramática Generativa*, Maestría en Lingüística, Universidad Nacional del Comahue, General Roca, Río Negro, Argentina, CD Rom, pp. 115-152.
- Brucart J. M. (2012). Copular alternation in Spanish and Catalan attributive sentences. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, FLUP, vol. 7, pp. 9-43.
- Cordeiro, Daniela (2010). Construção de Predicados Complexos com Verbos Leves e Nominalizações em *-dela*. Trabalho realizado enquanto estudante BI (ms.).
- Cunha, C. & L. Cintra (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: João Sá da Costa Ed.
- Duarte, I. (2003). A família das construções inacusativas. In Mateus, M.H. *et al* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, pp. 507-548.
- Duarte, I. & Oliveira, F. (2010) Participios resultativos. In Brito, A. M., Silva, F., Veloso, J. & Fiéis, A. (orgs.) *Textos Seleccionados. XXV Encontro Nacional da APL*, Porto, pp. 397-408.
- Fábregas, A. (2010) A syntactic account of affix rivalry in Spanish. In Alexiadou, A. & M. Rathert (eds.) *The syntax of nominalizations across languages and frameworks*. Berlin: De Gruyter Mouton, pp. 67-91.
- Gonçalves, A. *et al.* (2010) Propriedades predicativas dos verbos leves: estrutura argumental e eventiva. In Brito, A. M., Silva, F., Veloso, J. & Fiéis, A. (orgs.) *Textos Seleccionados. XXV Encontro Nacional da APL*, Porto, pp. 449-464.

- Halle, M. & Marantz, A. (1993) Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In Hale, K. & Keyser, S.J. (orgs.) *The view from building 20*, Cambridge, Mass.: MIT Press, pp. 111-176.
- Jackendoff, R. (1991) Parts and Boundaries. In B. Levin & S. Pinker. (eds.) *Lexical and Conceptual Semantics*. Cambridge; Mass.: Blackwell.
- Kester, E.-P. (1996) *The nature of Adjetival Inflection*. Tese de PhD., Universidade de Utrecht.
- Kornfeld, L. (2009) Adjetivos derivados y cuantificación: la herencia de rasgos aspectuales, ms.
- Lacuesta, R. S. & Gisbert, E. B. (1999) La derivación Nominal. In Bosque, I. & Demonte, V. (eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, vol. 3, pp. 4505-4594.
- Leal, A. & Oliveira, F. (2008) Subtipos de verbos de movimento e classes aspetuais. In Frota, S. & Santos, A. L. (orgs.) *Textos Seleccionados, XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Évora, pp. 287-298.
- Picallo, C. (1991) Nominals and nominalizations in Catalan. *Probus* 3, pp. 279-316.
- Picallo, C. (1999) Las estructura del sintagma nominal: Las nominalizaciones y otros substantivos com complementos argumentales. In Bosque, I. & Demonte, V. (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid: Espasa, Vol. I, pp 363-393.
- Ramchand, G. (2008) *Verb Meaning and the Lexicon: A First Phase Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Resnik, Gabriela (2010) Derivación e interacción de rasgos: la delimitación en nombres y verbos derivados en español, In Actas del *ENCUENTROGG*, Maestría en Lingüística, Universidad Nacional del Comahue, General Roca, Río Negro, Argentina, CDRom, pp. 405-421.
- Rio-Torto, G. (2013) Nomes denominais. In Rio-Torto, G. et al. *Gramática Derivacional do Português*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 131-152.
- Rodrigues, A. S. (2008). *Formação de substantivos deverbais sufixados em português*. München: Lincom.
- Rodrigues, A. (2013) Nomes deverbais. In Rio-Torto, G. et al. *Gramática Derivacional do Português*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 155-211.
- Saab, A. (2004) *El dominio de la elipsis nominal en español: identidad estricta e inserción tardía*. MA Diss., Escuela Superior de Idiomas, Universidad Nacional del Comahue.

- Said Ali, M. (1964) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, S. Paulo: Ed. Melhoramentos.
- Scher, A. P. (2006) Nominalizações em *-ada* em Construções com o Verbo Leve *dar* em Português Brasileiro. In *Letras de Hoje*, Porto Alegre. v. 41, nº 1, pp. 29-48.
- Sleeman, P. (2011) Verbal and adjectival participles: internal structure and position. *Lingua* 121.10, pp. 1569-1587.
- Sleeman, P. & A. M. Brito (2010) Nominalization, Event, Aspect, and Argument Structure: a Syntactic approach. In Duguine, M., Huidobro, S. & Madariaga, N. (eds.). *Argument Structure and Syntactic relations*, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, pp. 113-129.
- Talmy, L. (1972) *Semantic Structures in English and Atsugewi*. Ph. D. Dissertation. Univ. of California at Berkeley.
- Van Hout, A. (1991). Deverbal nominalization, object versus event denoting nominals: implications for argument and event structure. *Linguistics in the Netherlands* 8: pp. 71-80.
- Vieira, I. (2010) Nominalizações em *-da*: Uma aproximação. In *eLingUp*, Centro de Linguística da Universidade do Porto, Volume 2, Número 1, 2010, pp. 58-70.
- Vilela, Mário (1994) *Estudos de Lexicologia do Português*, Coimbra: Livraria Almedina.